# MEDINDO ATITUDES SEXISTAS AMBIVALENTES EM RELAÇÃO ÀS MULHERES EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

## *MEASUREMENT OF AMBIVALENT SEXIST ATTITUDES IN RELATION TO WOMEN IN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS*

**Macário Neri Ferreira Neto**
Universidade de Fortaleza, UNIFOR
Fortaleza, CE, Brasil
macario@edu.unifor.br

**Jéssyca Lages de Carvalho Castro**
Universidade de Fortaleza, UNIFOR
Fortaleza, CE, Brasil
jessycacastro@edu.unifor.br

**Renata Torquato de Araújo Pitombeira**
Universidade de Fortaleza, UNIFOR
Fortaleza, CE, Brasil
torquato@unifor.br

**Resumo.** Este trabalho teve como objetivo mensurar o nível de sexismo entre estudantes e funcionários de Instituições de Ensino Superior. O sexismo advém dos estereótipos e preconceitos sofridos pelas mulheres, não só o como forma de distingui-las entre os homens. Neste estudo, a amostra constou de cento e quarenta e um alunos universitários e colaboradores destas Instituições. A pesquisa ocorreu nas instalações de três Instituições de Ensino Superior, durante o trânsito das pessoas nas dependências, nas quais foram abordadas aleatoriamente para responderam o questionário, sendo os dados tratados com programas estatísticos. Como principais resultados se tem a existência do sexismo entre as mulheres, os discentes apresentaram valores sexistas maiores dos que não estudavam e os solteiros e mais jovens são mais preconceituosos.

**Palavras chave:** sexismo; gênero; estereótipos de gênero; inventário.

**Abstract.** This work aimed to measure the level of sexism among students and employees of higher education institutions. Sexism stems from the stereotypes and prejudices suffered by women, but not as the distinction between men. In this study, a sample of one hundred and forty-one university students and collaborators from these institutions. A survey took place on the premises of three higher education institutions, during the transit of people on the premises, where they were randomly approached to answer questions or questionnaires, the data being published with statistical programs. As the main results show the existence of sexism among women, the figures presented show the biggest sexists of those who did not study and the singles and the youngest are more prejudiced.

**Keywords:** sexism; gender; gender stereotypes; inventory.

## INTRODUÇÃO

As representações deturpadas da mulher provocam preconceito e causam a hostilidade e violência contra as mulheres (MESQUITA; EUFRÁSIO; BATISTA, 2011). Preconceito é mais que uma declaração de opinião ou crença, é uma atitude que inclui sentimentos, como: desprezo, aversão ou repulsa (PLOUS, 2003). Contudo, o preconceito contra a mulher, distintivamente de outras categorias de discriminação, não é consonantemente negativo em sua totalidade, existindo uma ambivalência preconceituosa, uma mais hostil, a outra mais gentil (FORMIGA; GOLVEIA; SANTOS, 2002).

Nesse sentido se tem o sexismo como "um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade, dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo" (FORMIGA et al, 2002, p. 105). Os estereótipos são formados por um conjunto de crenças estruturadas sobre as características dos integrantes de um determinado grupo, que causam danos ao promover o preconceito e a discriminação (PLOUS, 2003; SALES-OLIVEIRA; VILLAS-BOAS; LAS-HERAS, 2016).

Ademais, para Glick e Fiske (1996), o sexismo é uma concepção multidimensional que compreende duas categorias de atitudes sexistas: sexismo hostil e benevolente, sendo que a ambivalência alusiva ao sexismo se refere a duas perspectivas dirigidas para a mulher, uma de natureza gentil, amável, a outra de caráter desrespeitosa, hostil (BELO et al, 2005). Entende-se como sexismo ambivalente "um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo" (FORMIGA et al, 2002, p. 57).

Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo mensurar o nível de sexismo entre estudantes e funcionários de Instituições de Ensino Superior. O trabalho se justifica pela atualidade do tema, ademais o Brasil se encontra no 95º lugar no ranking do *The Global Gender Gap Report* 2018, que visa o progresso dos

países participantes no combate à desigualdade entre os gêneros, demonstrando a necessidade de estudos voltados para área (WORLD ECONOMIC FORUM, 2018).

Além desta introdução, este artigo está composto pelas demais seções: a segunda apresenta a revisão da literatura sobre sexismo, a terceira expõe as conclusões de trabalhos empíricos sobre o sexismo ambivalente. A quarta seção expressa a metodologia da pesquisa, a quinta se refere à apresentação e discussão dos resultados e a sexta encerra o trabalho com as conclusões derivadas dessas análises.

## O SEXISMO AMBIVALENTE

Não há outro grupo social que tenha uma relação que marca a desigualdade e a intimidade como forma de preconceito dirigido aos integrantes do sexo oposto, em que o homem tem status social superior e, no qual se acredita na inferioridade do papel social feminino (COSTA et al, 2015).

No conceito de Glick e Fiske (1996), o sexismo é uma construção multidimensional que engloba dois conjuntos de atitudes sexistas: sexismo hostil e benevolente.

O sexismo hostil e benevolente tem suas origens nas condições biológicas e sociais comuns a todos os grupos humanos, em que por um lado, os homens detêm o comando e controle das instituições, enquanto a reprodução sexual proporciona para mulheres alguns poderes, pois os homens precisam depender das mulheres para criar seus filhos e, geralmente, para a satisfação de seus filhos e de suas necessidades sexuais (EXPÓSITO; MOYA; GLICK, 1998).

Nesse sentido, o sexismo benevolente é definido como as atitudes subjetivamente positivas, com tom de sentimentos de como veem as mulheres en seus papéis restritos, podendo provocar comportamentos pró-sociais ou íntimos (GLICK; FISKE, 1996).

Porquanto, o sexismo hostil procura justificar o poder masculino e seus papéis tradicionais que tratam as mulheres, por meio de caracterizações depreciativas, como objetos sexuais (GLICK; FISKE, 1997). Da mesma forma, o sexismo hostil implica em aceitar abertamente as crenças negativas com relação às mulheres, enquanto o sexismo benevolente se refere a concordar com crenças que podem parecer positivas, mas esses realmente mantêm a estrutura de dominação um do outro, de modo que são crenças em uma dominação sutil (DÍAZ-LOVING; GONZÁLEZ-RIVERA; BAEZA-RIVERA, 2019). O sexismo benevolente tenta retratar o afeto passional como forma de preconceito, embora inicialmente parecesse inconcebível esta relação (GLICK; FISKE, 2011).

O seximso hostil é representado por atitudes preconceituosas baseadas na suposta inferioridade feminina, sendo estruturado por três fatores: paternalismo dominante, em que se destacam os aspectos relacionados à submissão e subordinação; diferenciação competitiva de gênero, que diferencia, significativamente, homens e mulheres e insere a ideia de que os homens são habilidosos e competentes, não as mulheres; e heterossexualidade hostil, que se refere à percepção das mulheres como pessoas que usam sua atratividade física para manipular homens, bem como o sexismo benevolente tem sido descrito como emocionalmente positivo, no qual a mulher deve ser protegida pelo homem, sendo composto por três fatores: paternalismo protetor, referindo-se à crença de que as mulheres têm menos capacidade e força do que os homens; portanto, elas devem cuidar delas; diferenciação complementar de gênero, que tem a ver com a crença de que homens e mulheres têm características diferentes que se complementam, e intimidade heterossexual, que é a crença de que as pessoas precisam de um parceiro do sexo oposto para serem felizes, seria um tipo de idealização de papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres (CÁRDENAS et al, 2010; DÍAZ-LOVING et al, 2019).

Embora as ideologias hostil e benévola sejam distintas, essas funcionam no ambiente cultural "como um conjunto de crenças refletoras de um sistema de recompensa e punição que estimula a aceitação da diferença de poder existente entre os sexos" (BELO et al, 2005, p. 8).

Nesse sentido, no entendimento de Glick e Fiske (1996), tanto o sexismo hostil quanto o benevolente gira em torno de questões de poder social, identidade de gênero e sexualidade. No entanto, a despeito da gravidade associada ao sexismo hostil, a manutenção do sexismo benevolente é muito mais perniciosa para a conquista da igualdade, porque seu tom afetivo positivo mascara sua verdadeira essência sexista e, portanto, através de atitudes benevolentes que os homens "vencem" a confiança de mulheres que enfrentam a rejeição gerada por atitudes hostis (FERNÁNDEZ; CASTRO, 2003).

Dessa maneira, o sexismo ambivalente visa capturar as características das relações entre homens e mulheres, em que as diferenças de poder coexistem com a atração interpessoal (FERNÁNDEZ; GALLEGOS; ALVARADO, 2017). Ademais, continua contemporânea a assertiva de Belo et al, (2005, p.

15), em que "o panorama atual permite concluir que mesmo diante de conquistas evidentes por parte das mulheres, segue sendo notável a sua situação de grupo minoritário, objeto de preconceito".

Para mensurar o sexismo, Glick e Fiske (1996) desenvolveram o inventário do sexismo ambivalente, sendo um questionário formado por 22 medidas de autorrelato, referentes às duas escalas, a do sexismo hostil e a do sexismo benevolente. Ambas contêm quesitos projetados para medir atitudes relevantes ao poder, diferenciação de gênero e heterossexualidade. O questionário do tipo Likert constava de seis opções de respostas, que variavam de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". Sendo que algumas questões pontuavam, de forma invertida (GLICK; FISKE, 1996). No trabalho de Formiga et al (2002), em sua adaptação do instrumento para aplicação no Brasil, as respostas do tipo Likert ficaram com quatro pontos, variando entre 1 = discordo totalmente a 4 = concordo totalmente.

As questões referentes ao sexismo hostil consideram que os homens terão mais proveito de poder e condição social, demonstrando algum ressentimento por esta superioridade, enquanto a escala benevolente avalia como positiva as relações tradicionais de gênero, justificadas pelo sistema social vigente (GUERRA et al, 2004). Sendo que as pontuações mais altas são aquelas que representam o nível mais alto de sexismo ambivalente em relação aos homens (FERNÁNDEZ; CASTRO, 2003).

## ESTUDOS CORRELATOS

Na pesquisa de Formiga *et al* (2002), os autores buscaram adaptar para o Brasil o inventário de sexismo ambivalente, o questionário foi aplicado para um grupo de duzentos discentes da área de Psicologia de um Instituição de Ensino em João Pessoa (PB), os resultados demonstraram estatisticamente a existência maior de sexismo hostil entre os homens e de benevolente entre as mulheres.

Com o objetivo de identificar o nível de sexismo em relação às mulheres e aos homens e verificar se o nível de estudos está relacionado com atitudes sexistas, Fernández e Castro (2003), sendo a amostra composta por 852 estudantes (365 homens e 490 mulheres) com idades entre 12 e 25 anos, 432 desses do Ensino Médio e 420 Universitários, situados na cidade de Ourense, Espanha. Como resultados se tem que cada sexo valoriza com maior hostilidade ao sexo oposto e são as mulheres que recebem as avaliações mais benevolentes. Além disso, confirma-se que o sexismo hostil e benevolente compõe os dois pólos do sexismo mais moderno.

Guerra et al(2004) publicaram um estudo que visava adaptar para o contexto brasileiro o inventário de ambivalência perante os homens e, em seguida, verificar a existência de diferenças de gênero com relação a essas atitudes. Entre os resultados da pesquisa, o sexismo hostil se apresentou diretamente correlacionado com o sexismo benevolente, indicando a associação desses dois tipos de atitudes sexistas na manutenção dos padrões sexuais tradicional e socialmente definidos. A amostra constou de 205 estudantes universitários na cidade de João Pessoa (PB).

Com o objetivo de conhecer em que medida os valores humanos se correlacionam com o sexismo ambivalente e suas dimensões hostil e benévola, Belo et al (2005) utilizaram uma amostra composta por 301 pessoas da cidade de João Pessoa (PB), em que os questionários foram aplicados em visitas às residências dos entrevistados. Como principais achados, os homens mostraram maior pontuação em sexismo hostil do que as mulheres e os participantes com pouco estudo, com uma religião definida (católica ou protestante) e de classe social baixa se mostraram mais sexistas.

O trabalho de Cárdenas et al (2010) teve como objetivo adaptar e validar o inventário de sexismo ambivalente no Chile, utilizando-se de uma amostra de conveniência, intencional e não probabilística, composta por 220 participantes, sendo 115 homens e 105 mulheres, concluindo que o instrumento continua sendo uma ferramenta robusta para a detecção e medição do sexismo ambivalente. Entre os achados, os homens pareceram mais sexistas do que as mulheres, tanto de maneiras benevolentes quanto hostis. Assim, também, entre as mulheres os resultados indicaram que elas, geralmente, apóiam o sexismo benevolente.

Mesquita, Eufrásio e Batista (2011) pesquisaram sobre a existência de preconceitos nas manifestações dos estereótipos de gênero e sexismo ambivalente, em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. O estudo contou com 787 estudantes, que responderam três questionários, entre esses o inventário do sexismo ambivalente. Como principal conclusão se teve a existência de estereótipos de gênero e sexismo ambivalente nos adolescentes masculinos e a necessidade de desenvolvimento de ações e políticas para sua erradicação.

O estudo de Costa et al (2015) demonstrou níveis mais elevados de hostilidade e de benevolência dirigido às mulheres, e elas revelaram maiores níveis de hostilidade dirigida aos homens. A pesquisa foi realizada com uma amostra de 258 universitários portugueses e buscou adaptar e validar o inventário do sexismo ambivalente em Portugal.

Sales-Oliveira, Villas-Boas e Las-Heras (2016) buscaram analisar e caracterizar um grupo de docentes universitários portugueses, mulheres e homens, quanto aos seus estereótipos de gênero e sexismo, de modo a promover a reflexão do conjunto dos professores envolvidos. Com isso, ficou demonstrado que o tipo de sexismo que predomina é o sexismo ambivalente, sendo que os homens apresentam atitudes sexistas significativamente mais hostis do que as mulheres. A pesquisa contou com uma amostra de 102 docentes de uma universidade portuguesa.

## METÓDOS

Trata-se de um estudo exploratório quanto aos objetivos, de natureza quantitativa, com uso de questionário como instrumento de coleta de dados (OLIVEIRA, 2011).

A amostra foi coletada em três momentos. O primeiro junto aos discentes de uma Instituição de Ensino Superior de Mossoró (RN), sendo composta de 40 respondentes. No segundo momento os dados foram coletados com alunos de uma Instituição de Ensino Superior de Baturité (CE), que resultou em 29 participantes, e o terceiro instante ocorreu junto aos funcionários de uma universidade privada de Fortaleza (CE), que contou com 72 respondentes, totalizando a amostra em 141 respondentes. A pesquisa foi aplicada no período de outubro e novembro de 2019, de forma probabilística, realizada no momento da chegada dos alunos e dos colaboradores nas Instituições, sob forma de convite e com a presença de um dos autores.

A tabela 1 demonstra a predominância dos respondentes, em que 49,6% se declararam do gênero feminino, 53,2% dos respondentes são solteiros, 44,7% praticam a fé católica e a faixa etária predominante é dos 20 aos 27 anos.

**Tabela 1**. Estatística descritiva da amostra - predominância

| Variável | Predominância | Frequência | % frequência |
|---|---|---|---|
| Gênero | Feminino | 70 | 49,6 |
| Estado Civil | Solteiro | 75 | 53,2 |
| Religião | Católica | 63 | 44,7 |
| Faixa etária | De 20 a 27 anos | 57 | 40,4 |

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Os participantes responderam um questionário formado por duas partes, a primeira constando questões sociais e a segunda com questões do tipo *likert*, baseado no modelo proposto por Glick e Fiske (1996) e adaptado por Formiga et al (2002), sendo utilizado o software SPSS® da IBM® para os cálculos estatísticos. Para responder ao questionário, o aluno deveria ler cada item e indicar o quanto estava de acordo com a questão apresentada, utilizando para tanto uma escala de cinco pontos variando de 1 = Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente.

Foram aplicados testes de confiabilidade e o teste ANOVA, como forma de ser verificar a consistência da pesquisa. Os dados constam na Tabela 2.

**Tabela 2.** Análise de consistência do questionário

| Construto | Alfa Cronbach | Quiquadrado ($x^2$) | Valor de *p* |
|---|---|---|---|
| Benevolente | 0,847 | 136,462 | ,000 |
| Hostil | 0,875 | 58,951 | ,000 |
| Sexismo | 0,910 | 214,556 | ,000 |

Fonte: dados da pesquisa (2019).

De acordo com o demonstrado na Tabela 2, o alfa de Cronbach apresentou valores superiores ao mínimo aceitável de 0,70. Os valores de *p* foram inferiores ao nível de significância de 5%, portanto, rejeita-se a hipótese nula de médias iguais, quanto ao teste quiquadrado de Conchran, os valores calculados são superiores aos valores tabelados, neste caso se rejeita a hipótese nula de não associação entre os grupos (Hair et al, 2009).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme demonstrado na Tabela 3, os respondentes do gênero masculino apresentaram percentual de concordância (soma de concordo com concordo muito) das assertivas em torno de 39,4% das respostas, sendo mais forte no sexismo benevolente. Quando apurados os dados de forma ponderada, em uma escala de 1 a 5, os homens ficaram com uma nota 3,1 contra 2,7 do público feminino. Quanto mais próximo de 5, mais sexista.

Partindo da premissa de que não deveria existir sexismo, seja hostil ou benévolo, a pesquisa apontou que 35% dos participantes concordam, de alguma forma, com as questões propostas pela pesquisa. Vale salientar o valor encontrado pelo sexismo hostil em que30,4%, concordam com este tipo de sexismo, apontado por vasta literatura, leva a intolerância e a violência contra a mulher.

Ademais, valor médio encontrado foi de 2,9 demonstrando a existência de uma visão estereotipada com relação ao gênero feminino na amostra pesquisada, sendo que esses resultados convergem para a presumida qualificação da inferioridade das mulheres em relação aos homens, tanto no sexismo hostil, como no sexismo benevolente (Formiga et al, 2005).

**Tabela 3**. Concordância e nota ponderada por gênero.

| Variáveis | Construto | Concordância | Nota Ponderada |
|---|---|---|---|
| Masculino | Benevolente | 42,6% | 3,1 |
| | Hostil | 36,2% | 3,1 |
| | Sexismo | 39,4% | 3,1 |
| Feminino | Benevolente | 37,0% | 2,9 |
| | Hostil | 24,9% | 2,6 |
| | Sexismo | 31,0% | 2,7 |
| Outros | Benevolente | 36,4% | 3,0 |
| | Hostil | 30,9% | 2,9 |
| | Sexismo | 33,6% | 3,0 |
| Geral | Benevolente | 39,4% | 3,0 |
| | Hostil | 30,4% | 2,8 |
| | Sexismo | 35,0% | 2,9 |

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Conforme a Tabela 3, com a concordância de 37% das mulheres em relação ao sexismo benevolente demonstra a influência da cultura tradicionalista, patriarcal na qual as mulheres aceitam a submissão de forma natural, aceitando seu papel imposto pela sociedade. Mesmo ocorrendo mudanças e revoluções que buscam diminuir o sexismo, estudos como o do sexismo ambivalente apontam no mesmo sentindo desde sua primeira aplicação, em 1997, ou seja, pela existência do sexismo e, principalmente, pela aceitação natural por parte das mulheres. Essa percepção dos papéis de cada gênero é aceita tanto por homens, mulheres e por pessoas que não se consideram nem um, nem outro. Desse modo, o sexismo tende a ser perpetuado pela sua aceitação, por parte das próprias mulheres, que consentem com essas imagens, oriundas de uma cultura patriarcal e machista, e que aceitam os aspectos do sexismo menos onerosos e mais facilmente toleráveis (CÁRDENAS et al, 2010).

A Tabela 4 demonstra as respostas com relação ao estado civil dos respondentes e se percebe os solteiros menos sexistas que os demais estados civis, em que se percebe o estado civil de união estável como o mais sexista.

**Tabela 4.** Concordância e nota ponderada por estado civil - Sexismo

| Estado Civil | Concordância | Média ponderada |
|---|---|---|
| Solteiro | 33,6% | 2,9 |
| Casado | 34,4% | 2,9 |
| Separado/Desquitado | 36,4% | 3,2 |
| União estável | 43,2% | 3,0 |

Fonte: dados da pesquisa (2019).

A Tabela 5 apresenta as respostas com relação à condição de discente ou não, percebe-se que os universitários são mais sexistas do que os demais respondentes. Os que ainda são universitários apresentaram respostas consideradas sexistas em 41,4% das oportunidades, contra 26,4% dos não universitários. Tem-se uma incoerência, em uma Educação Superior, na qual deve ser estabelecido como princípio educacional a igualdade de gênero e a rejeição de todas as formas de discriminação, esses níveis de sexismo ainda sejam encontrados em relação a ambos os sexos (FERNÁNDEZ; CASTRO, 2003).

**Tabela 5.** Concordância e nota ponderada por atividade

| Estado Civil | Concordância | Média ponderada |
|---|---|---|
| Universitários | 41,4% | 3,1 |
| Não universitários | 26,4% | 2,6 |

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Com relação à religião, a Tabela 6 demonstra os que se declaram espíritas como os mais sexistas, embora não possa ocorrer uma generalização pela pequena quantidade desses respondentes, nesta amostra o espiritismo representa 5% dos respondentes.

**Tabela 6.** Concordância e nota ponderada por religião - Sexismo

| Variáveis | Concordância | Nota Média |
|---|---|---|
| Católico | 30,6% | 2,8 |
| Protestante/Evangélico | 45,6% | 3,3 |
| Espírita | 51,3% | 3,3 |
| Matriz africana | 38,6% | 3,1 |
| Outras/Não declararam | 30,9% | 2,7 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto a faixa etária, a Tabela 7 apresenta os mais jovens como os mais sexistas, com os mais velhos, menos sexistas. Portanto, o sexismo ambivalente está relacionado com atitudes ambivalentes e polarizadas em relação às mulheres, com o sexismo hostil relacionado às atitudes negativas e o sexismo benevolente com atitudes positivas (EXPÓSITO et al, 1998).

**Tabela 7.** Concordância e nota ponderada por faixa etária - Sexismo

| Variáveis | Concordância | Nota Média |
|---|---|---|
| Até 20 anos | 43,6% | 3,1 |
| De 21 a 27 anos | 32,6% | 2,9 |
| De 28 a 35 anos | 34,1% | 2,9 |
| De 36 a 43 anos | 37,5% | 2,9 |
| Acima de 43 anos | 31,4% | 2,7 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com relação ao local de onde pertenciam os entrevistados, no caso Mossoró, Baturité e Fortaleza, a Tabela 8 demonstra que a capital cearense possui menor percentual de sexismo, quando comparada com as outras cidades interioranas no estudo.

**Tabela 8.** Concordância por local - Sexismo

| Variáveis | Concordância |
|---|---|
| Fortaleza | 25,0% |
| Mossoró | 42,7% |
| Baturité | 49,2% |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A Tabela 9 demonstra o sexismo sob o prisma das tabelas cruzadas, em que se percebe que quanto ao gênero, a maioria sexista é do sexo masculino com idade até 20 anos. Outra informação importante é a frequência da faixa etária dos 36 aos 43 anos, mais presente entre os solteiros, entre os universitários e entre os protestantes, concordando com a Tabela 7 que demonstrou essa faixa etária como a mais sexista. O estado civil mais presente é a união estável quando relacionado ao gênero e à religião.

**Tabela 9**. Concordância e nota média entre variáveis - predominância

| Variáveis | Predominância | Concordância | Média |
|---|---|---|---|
| Gênero x Faixa Etária | Masculino, até 20 anos | 46,0% | 3,2 |
| Estado Civil x Faixa Etária | Solteiro, dos 36 aos 43 anos | 56,8% | 3,6 |
| Universitários x Faixa Etária | Universitários, dos 36 aos 43 anos | 52,8% | 3,4 |
| Universitários x Gênero | Universitários, masculino | 47,1% | 3,3 |
| Religião x Estado Civil | Matriz Africana, união estável | 59,1% | 3,6 |
| Gênero x Estado Civil | Masculino, união estável | 53,4% | 3,3 |
| Religião x Faixa Etária | Protestantes, dos 36 aos 43 anos | 61,4% | 3,4 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A Tabela 9 demonstra, de forma clara, que o sexismo está presente na sociedade, em que altos percentuais não coadunam com o atual estágio da coletividade, na qual a igualdade entre os gêneros deve se sobrepor a qualquer segmento desta mesma sociedade.

## CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que os homens são mais sexistas que as mulheres, tanto em relação ao sexismo hostil como ao benevolente, valores semelhantes foram demonstrados por Cárdenas et al (2010). Isso se deve, principalmente, à tradicionalidade dos papéis de cada gênero na sociedade, mesmo com as mudanças ocorridas existe a ideia de que a mulher deve ser protegida pelos homens em troca de suporte emocional e sexual.

Por outro lado, os resultados obtidos sobre o sexismo ambivalente em relação às mulheres são consistentes com pesquisas anteriores, nas quais os níveis de sexismo benevolente detectado são maiores que o sexismo hostil (FERNÁNDEZ; GALLEGOS; ALVARADO, 2017).

Fazendo uso das palavras de Fernández e Castro (2003), que continuam atuais, há necessidade de uma mudança significativa em relação aos conceitos atribuídos a ser homem e mulher, que possa transformar completamente as opiniões, as crenças e os comportamentos estereotipados e, com essa a superação de estereótipos de papéis e estereótipos de gênero, ainda muito presentes na sociedade atual. Os resultados desta pesquisa apontam a aceitação como normalidade de sexismo tanto pelos homens, como pelas mulheres, mesmo considerando o nível de escolaridade dos participantes.

Alcançado o objetivo de verificar o nível de sexismo dos discentes de uma Instituição de Ensino Superior, sugere-se para novos trabalhos a inclusão de pessoas externas às Instituições Educacionais e comparar os estudos, bem como a inserção de variáveis que contribuam para identificar as causas da persistência do sexismo como forma de contribuir com políticas públicas voltadas à igualdade de gêneros.

## REFERÊNCIAS

BELO, Raquel Pereira et al. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 7-15, 2005.

CÁRDENAS, Manuel et al. Inventario de sexismo ambivalente: adaptación, validación y relación con variables psicosociales. **Salud & Sociedad**, v. 1, n. 2, p. 125-135, 2010.

COSTA, Pedro Alexandre et al. Adaptação dos inventários de sexismo moderno para Portugal: o inventário de sexismo ambivalente e o inventário de ambivalência em relação aos homens. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 28, n. 1, p. 126-135, 2015.

DÍAZ-LOVING, Rolando; GONZÁLEZ-RIVERA, Ilse; BAEZA-RIVERA, María José. Sexismo. **Enseñanza e Investigación en Psicología**, v. 1, n. 3, p. 287· 293-287· 293, 2019.

EXPÓSITO, Francisca; MOYA, Miguel C.; GLICK, Peter. Sexismo ambivalente: medición y correlatos. **Revista de Psicología social**, v. 13, n. 2, p. 159-169, 1998.

FERNÁNDEZ, María Lameiras; CASTRO, Yolanda Rodríguez. Evaluación del sexismo ambivalente en estudiantes gallegos. **Acción psicológica**, v. 2, n. 2, p. 131, 2003.

FERNÁNDEZ, Sandra; GALLEGOS, Walter L. Arias; ALVARADO, Massiel. La escala de sexismo ambivalente en estudiantes de dos universidades de Arequipa. **Avances en Psicología**, v. 25, n. 1, p. 85-96, 2017.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em estudo**, v. 7, n. 1, p. 103-111, 2002.

FORMIGA, Nilton Soares et al. As duas faces do preconceito feminino: Análise do inventário de sexismo ambivalente em homens brasileiros. **Psicologia Argumento**, v. 23, n. 41, p. 57-63, 2005.

GLICK, Peter; FISKE, Susan T. The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. **Journal of Personality and Social Psychology.** V. 70, P. 491-512, 1996.

GLICK, Peter; FISKE, Susan T. Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. **Psychology of Women Quarterly**, v. 21, n. 1, p. 119-135, 1997.

GLICK, Peter; FISKE, Susan T. Ambivalent sexism revisited. **Psychology of women quarterly**, v. 35, n. 3, p. 530-535, 2011.

GUERRA, Valeschka et al. Inventário de ambivalência em relação aos homens: adaptação brasileira e relação com o gênero. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 6, n. 2, 2004.

HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 554-567, 2011.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2011.

PLOUS, Scott. The psychology of prejudice, sterotyping, and discrimination: An overview. 2003.

SALES-OLIVEIRA, Catarina; VILLAS-BOAS, Susana; LAS-HERAS, Soledad. Estereótipos de género e sexismo em docentes do ensino superior. **Revista iberoamericana de educación superior**, v. 7, n. 19, p. 22-41, 2016.

WORLD ECONOMIC FORUM. The global gender gap report. Genebra, 2018.